

Educação ou Barbárie? Uma escolha para a sociedade contemporânea

Education or Barbarism? A choice for contemporary society

¿Educación o barbarie? Una elección para la sociedad contemporánea

Thereza Carolina Gonçalves Vieira - Universidade Federal do Triângulo Mineiro | Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) | Uberaba | MG | Brasil.
E-mail: tcarolina248@gmail.com |  ORCID

CHARLOT, Bernard. **Educação ou Barbárie? Uma escolha para a sociedade contemporânea.** São Paulo: Cortez, 2020. 321p.

Com mais de vinte livros publicados e numerosos capítulos, artigos e relatórios traduzidos em dezoito países, Bernard Charlot, nascido em 1944 em Paris, é graduado em Filosofia e Doutor em Educação pela Universidade de Paris X. Morando no Brasil desde o início dos anos 2000 onde, atualmente, é professor voluntário da Universidade Federal de Sergipe, é conhecido por suas importantes reflexões sobre a compreensão da relação que as pessoas mantêm com o saber. Além de professor, pesquisador e escritor, Charlot é, também, pai e avô. E é para seus filhos e netos que dedica esse seu novo estudo no formato de livro, deixando clara sua preocupação com o mundo no qual estes habitam e habitarão. Afirma não gostar que a sociedade na qual vive e na qual eles vivem e crescem seja regida pela lógica do desempenho e concorrência generalizada. Sentindo-se, portanto, parte interessada da resistência às lógicas dominantes atuais e das tentativas de pensar e construir outro mundo possível por meio do campo que é o seu, o da educação.

No início do livro reservado ao Prólogo, o autor já nos dá pistas do que esperar dessa sua obra ao nos contar que viveu, *sobreviveu e aprendeu* com a pedagogia “totalmente tradicional” aplicada na “última geração de alunos que aprendeu a escrever com caneta e tinteiro” (p. 9), da qual fez parte nos anos 1950, em Paris. Geração essa que ocupou carteiras escolares de madeira,

• Recebido em 04 de agosto de 2021 • Aprovado em 06 de agosto de 2021 • e-ISSN: 2177-5796

decorando cartilhas de regras gramaticais como “vovô viu a uva, porque, por quê, porquê”, e que viriam a integrar, dali a poucos anos, a “geração de 1968” em seu momento épico conhecido como Maio de 68¹, tendo como palco o *Quartier Latin*, bairro estudantil da região central de Paris, tempo em que Charlot era estudante de Filosofia. E, embora tenha participado do movimento, ele nos conta que nunca se filiou a qualquer partido político na certeza de que seria expulso, ou teria que sair, pelo motivo que ele chama de “indisciplina ideológica – versão política do gosto pela pesquisa” (p. 10). Ao remeter suas lembranças a esse movimento estudantil histórico que repercutiu em todo o mundo, resultando em profundas mudanças na sociedade francesa, bem como na sociedade ocidental, o autor reflete que diferentemente de se pensar em mudar a escola (como no passado), o que deve ser pensado hoje é a educação nesta sociedade contemporânea. Enquanto nos anos 1970 o foco da educação foi colocado sobre o tipo de homem a educar e para qual tipo de sociedade se desejava formá-lo, hoje o questionamento é outro: “pensar a eficácia das aprendizagens dentro de uma lógica de *performance* e de concorrência”, ao que o autor se pergunta quase em tom de desabafo: “O que aconteceu com os grandes debates clássicos entre pedagogias ‘tradicionais’ e ‘novas’ que, ideológicas como eram, pelo menos tratavam da educação? Por que não existe hoje a ‘pedagogia contemporânea? [...] O que os novos discursos, centrados na eficácia da aprendizagem, dizem-nos explícita ou implicitamente, sobre a sociedade contemporânea e sobre a forma como o homem pensa hoje?” (p. 11). E depois de refletir, conclui ser necessário tratar o tema com profundidade, declarando que “não se trata de dissertar sobre a natureza do homem [...]. Trata-se de compreender por que o homem, na condição de espécie (*Homo Sapiens*), precisa ser educado de uma forma sem equivalência nas outras espécies animais” (p. 11). Essa conjectura nos singulariza de forma a “explicitar e assumir nossa diferença antropológica para redefinir nossa relação com o planeta, com as outras espécies animais, conosco mesmos e com nossos filhos e, em particular, para pensar uma pedagogia contemporânea” (p. 11).

Com 321 páginas, a obra conta com nove capítulos, organizados em três partes distintas, porém, complementares: Prólogo, Introdução e Conclusão. Logo na Introdução, Charlot (2020, p. 13) levanta o questionamento se é mesmo necessária, ou simplesmente útil, a ideia de basear a educação em uma concepção do “homem” em um momento em que as preocupações com a eficácia das aprendizagens, do desempenho e das redes, parecem suplantar as considerações

¹ O Maio de 68 foi um movimento marcado por uma grande onda de protestos que teve início a partir das mobilizações realizadas por estudantes franceses na Universidade Paris, em Nanterre (região metropolitana de Paris).

filosóficas sobre o homem. “Pode-se educar, e mesmo instruir, sem qualquer referência, implícita ou explícita, a uma ideia, pelo menos esboçada, do que é o ser humano e de sua diferença do animal?” (p. 13). A indagação apresentada, mais como retórica, a qual eu chamo de ‘provocação’, leva a questionar se “a ideia de que ‘não se pode fazer isso com um ser humano’ [...] pode ser realmente expulsa das práticas e das representações pedagógicas?” (p. 13). Chamo-a de ‘provocação’ pela compreensão que a definição para “isso” da parte “do que não podemos fazer”, varie muito conforme a cultura, a classe social e posição religiosa.

A primeira parte, “O Desejo e a Norma: a questão antropológica no discurso pedagógico”, tem como objetivo principal compreender por que a questão pedagógica não é mais discutida na sociedade contemporânea. Em seus três capítulos, Charlot (p. 22) questiona “por que os atuais discursos sobre educação não estão mais interessados na questão de onde vem o homem e para onde está indo?” não se prendendo a analisar a essência atemporal da pedagogia na pretensão de dizer o que ela “deve” ser e do que ela “deve” falar, mas, do que ela de fato tem sido historicamente, assunto que discorreu nas cinquenta páginas dessa primeira parte de sua obra, buscando “compreender o silêncio antropopedagógico da sociedade contemporânea” (p. 22).

A segunda parte, “Os Discursos Contemporâneos sobre Educação: qualidade da educação, neuroeducação, cibercultura, transhumanismo”, compreende quatro capítulos desenvolvidos em 92 páginas onde o autor faz uma reflexão da qualidade da educação, e o que essa atende ou pretende, passando pela pesquisa científica e neuroeducação, refletindo se as tecnologias digitais e a cibercultura são realmente o ‘mundo novo’ de agora, fechando essas reflexões com o último tópico do capítulo sete, questionando: *Para que serve uma pedagogia contemporânea se os robôs “são também nossas crianças” e é mais simples fabricar um robô do que educar uma criança?*

E assim, indo para a terceira e última parte de sua obra, o próprio autor a inicia confidenciando-nos que, esse livro poderia parar ao final dessa segunda parte, tendo em vista que, até aqui, o livro já tenha atingido o objetivo de “compreender melhor como é colocada a questão pedagógica na sociedade contemporânea ou, mais exatamente, porque ela não é mais colocada” (p. 164). Todavia, afirma que “vale a pena” mais uma parte, a terceira e última, posto considerar necessário recolocar a questão da natureza humana no fechamento das reflexões levantadas. Desse modo, a terceira parte, “Pensar a Humanidade do Homem”, organizada em dois capítulos, tem como tema a especificidade do ser humano em sua forma clássica: do próprio homem, questão abordada a partir de debates filosóficos contemporâneos e, também, da paleoantropologia. “Pensar a humanidade do Homem parece necessário [...] para resistir a essas

lógicas de lucro, desempenho e concorrência que já induzem a autonegação jubilatória da espécie humana e que correm o risco de conduzir a essa falência que nos anunciam os colapsologistas” (p. 165).

Para fazer minhas considerações a respeito dessa obra, retomo uma reflexão feita pelo próprio autor na página 11 do prólogo: “Se não formos capazes de ir além do atual ‘estudar para ter um bom emprego mais tarde’ e educar nossos filhos como membros de uma espécie humana responsável pelo estado atual e futuro do mundo, será muito difícil escapar desses surtos de barbárie que já estamos vendo e cujas novas formas nos são anunciadas com orgulho pelo pós-humanismo”. Isto posto, considero esse novo livro de Bernard Charlot uma provocação bastante oportuna, porquanto, embora os livros de história pelos quais fomos instruídos, estabelecem que a barbárie ficou no passado, todavia, enquanto bombardeios a civis forem considerados meros “danos colaterais”, enquanto houver terrorismo, enquanto o confisco de crianças, pelo Estado, for considerado legítimo pelo fato de seus pais serem imigrantes clandestinos, enquanto houver corpos de crianças afogadas espalhados pelas praias dos países onde procuravam asilo, cujo salvamento foi obstaculizado pelo fato de serem imigrantes em fuga de seus países de origem, enquanto alguns (muitos!) procuram impor uma hierarquia do ser humano (ou uma contra-hierarquia dos mesmos que outrora foram vítimas de discriminação), a partir de convicções religiosas, políticas, nacionalistas, racistas, a barbárie vai existir e resistir. Porque bárbara é “qualquer situação, encontro, relação entre humanos na qual um nega a humanidade do outro” (p. 14), e contra a qual há apenas uma saída: a educação. Nas palavras do próprio autor, “sejam presidentes de países ricos, sejam doutrinados de países pobres, esses novos bárbaros, senhores da definição de quem merece viver, têm um profundo ódio pela educação” (p. 16). Reflitamos, pois: Educação ou Barbárie? Qual a melhor (ou única) escolha para a sociedade contemporânea?